

ENTRE O *JORNAL DO DIA* e O *ESTADO DO MARANHÃO*: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO JORNALÍSTICA NOS ANOS DE CHUMBO.

MANOEL AFONSO FERREIRA CUNHA*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é examinar de forma estrutural, em determinado recorte cronológico, os periódicos: *Jornal do Dia* e *O Estado do Maranhão*. A opção por esses jornais se dá pela estreita relação histórica entre os dois impressos. O centro de análise é expor as rupturas e continuidades existentes no processo de transição entre os dois veículos de comunicação, oriundas da mudança ocorrida no ano de 1973. Naquele ano, o *Jornal do Dia*, empreendimento fundado por Alberto Aboud, em 1951, foi adquirido por José Sarney e Bandeira Tribuzzi e sendo transformado em *O Estado do Maranhão*, atualmente membro do maior conglomerado de comunicações do Estado do Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: Jornais; Ditadura; Maranhão.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é examinar de forma estrutural, em determinado recorte cronológico, os periódicos: *Jornal do Dia* e *O Estado do Maranhão*. A opção por esses jornais se dá pela estreita relação histórica entre os dois impressos. O centro de análise é expor as rupturas e continuidades existentes no processo de transição entre os dois veículos de comunicação, oriundas da mudança ocorrida no ano de 1973. Naquele ano, o *Jornal do Dia*, empreendimento fundado por Alberto Aboud¹, em 1951, foi adquirido por José Sarney e Bandeira Tribuzzi e sendo transformado em *O Estado do Maranhão*, atualmente membro do maior conglomerado de comunicações do Estado do Maranhão.

* Especialista em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional pelo Instituto Superior Franciscano (IESF). Mestrando em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação: História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHEN-UEMA). Membro do Núcleo de Pesquisa em História Contemporânea (NUPEHIC), grupo de estudos vinculado à mesma instituição. Bolsista de Mestrado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Ciência no Maranhão (FAPEMA). Atua na área de pesquisa em Ditadura, Imprensa e Ensino de História no Maranhão.

¹ "Alberto Wadih Chames Aboud nasceu em São Luís, no dia 15 de junho de 1922, filho de Wadih Aboud e de Malvina Aboud. Industrial, ingressou na política filiando-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sendo eleito deputado estadual no pleito de outubro de 1958. Transferindo-se para o Partido Social Democrático (PSD), em outubro de 1962 conquistou uma cadeira de deputado federal. Após a vitória do movimento civil-militar de 31 de março de 1964, com a extinção dos partidos políticos determinada pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/1965) e a consequente instauração do bipartidarismo, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de sustentação do regime. Foi, ainda, prefeito de São José de Ribamar (MA). Faleceu em São Luís no dia 29 de julho de 1980." (FONTES: CÂM. DEP. Anais; CÂM. DEP. Deputados brasileiros. Repertórios (1963-1967, 1967-1971); CÂM. DEP. Relação dos dep. (1826-1976); FLEISCHER, D. Thirty; INF. FAM.; TRIB. SUP. ELEIT. Dados (4, 6 e 11). In: FGV-CPDOC <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alberto-wadih-chames-aboud-n>)

As reflexões terão como enfoque a última semana de veiculação do *Jornal do Dia* e a primeira semana de circulação do *O Estado do Maranhão*. A escolha deste recorte temporal se dá pela viabilidade de análise imediata do processo de transição jornalística exposto ao público em meados de 1973. O exame dessas documentações será norteado por questionamentos propostos pelo historiador Marco Morel² em material de propostas para a abordagem e levantamento inicial para aqueles pesquisadores que se propõem a estudar os arquivos da imprensa escrita.

BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA DO JORNAL DO DIA E O ESTADO DO MARANHÃO

Um dos primeiros pontos de análise sobre os jornais em questão foi à busca por uma data exata de fundação destes empreendimentos, tarefa que gerou uma reflexão importante diante de informações diferenciadas. Levando em consideração o *Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca pública Benedito Leite*, o *Jornal do Dia* foi inaugurado no ano de 1953, em São Luís, apresentando o subtítulo "Um órgão a serviço da verdade". Contudo, o site do jornal *O Estado do Maranhão*, herdeiro histórico do *Jornal do Dia*, apresenta uma leitura diferente:

Nas últimas cinco décadas, a história do Maranhão foi registrada pelo jornal O Estado do Maranhão, veículo de comunicação que se tornou divisor de águas na história da imprensa local. Desde o início, a proposta do jornal foi a de ser "um órgão a serviço da verdade", como afirma texto publicado em sua primeira edição. Fundado em 1º de maio de 1959, pelo empresário e político Alberto Aboud⁴, O Estado é herdeiro do Jornal do Dia. (O Estado do Maranhão, 2009, p.01)

O *Jornal do Dia* surge como um órgão de enfoque em temáticas como esportes, variedades, cinema, teatro, economia e política, tendo em sua primeira direção o comando de Arimathéa Athayde³ e Renato Carvalho, respectivamente diretor e gerente da instituição. O final

²Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990), mestrado em História - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1992), doutorado em História - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1995) e Pós-Doutorado (IEB \ USP) (2005). É professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador associado sem vínculo à - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). Atua na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, principalmente nos seguintes temas: história política, Brasil império, história cultural, história da imprensa e história do Brasil. (FONTE: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780898H2>)

³ José de Arimathéa Athayde Lima foi jornalista, professor, escritor e também primeiro secretário de Comunicação Social do Maranhão, no governo de João Castelo (1979/1982). Arimathéa Athayde foi, ainda, professor de Comunicação Social na Universidade de Brasília (UNB) e correspondente do jornal *O Globo*. (Fonte: <http://melquiadesgomes.blogspot.com.br/2014/07/morre-o-jornalista-arimathea-athayde.html>)

da década de 1950 é marcante em sua trajetória no sentido do periódico experimentar um conturbado momento de rotatividade no quadro diretivo do jornal. No entanto, Em 1955 o título do folhetim passa a ser *Jornal do Dia: alma e pensamento da cidade*. Alterações no quadro diretor se tornaram corriqueiras novamente até o ano de 1967, quando assume a direção jornalística o então deputado federal e depois senador Clodomir Millet⁴.

A estreita proximidade entre jornalismo e política sempre foi uma particularidade marcante dentro do *Jornal do Dia*, e a década de 1960 aponta muito bem isso. Num cenário de popularidade de suas publicações, principalmente na capital São Luís, marca-se o estágio de ascensão política de José Sarney. Naquele momento (1969), o diário, sob a direção do então deputado federal Artur Carvalho, se fortifica como um dos principais meios de comunicação da época. As páginas dos jornais naquele período são provas dessa forte relação.

1973 é ano crucial para este trabalho, tendo em vista que esse é o marco cronológico que demarca a mudança do *Jornal do Dia* para *O Estado do Maranhão*. Fundado em 1 de maio daquele ano, tendo como José Sarney e Bandeira Tribuzzi como proprietários, o "novo" diário manteria um caráter predominantemente político, enfatizando de forma secundária, outros assuntos como esporte, cultura, economia e afins. A Biblioteca Benedito Leite traz uma importante leitura acerca disso:

O editorial inicial, escrito pelo seu fundador, descreve o objetivo do jornal: "Modernizar a imprensa maranhense". Inovar em termos de artes gráficas e renovar em termos de elevá-la, dar-lhe dimensão cultural, estimular vocações novas, semear ideias, discutir problemas. Um simpósio permanente sobre o destino de nossa vida, da vida de nosso Estado, da vida de nossa cidade, reflexo e alma do nosso grande povo. (SECMA, 2007, p.185)

Iniciava-se ali um novo tempo na política maranhense, mas também uma nova conjuntura para o jornalismo impresso do Estado do Maranhão. São Luís estava em definitivo no roteiro dos grandes centros de difusão jornalística a nível regional.

⁴ Nascido no ano de 1913, Clodomir Teixeira Millet foi médico, empresário e político. Sua carreira política foi marcada por ter sido deputado federal por quatro vezes e senador por uma legislatura. Pertenceu aos principais partidos políticos das décadas de 1960 e 1970 como o PDS, PSP e ARENA.

DO JORNAL DO DIA AO O ESTADO DO MARANHÃO: RUPTURAS E CONTINUIDADES.

Diante da revisão histórica acerca do processo de fundação do *Jornal do Dia* em 1953, e posteriormente sua transição para *O Estado do Maranhão* em 1973, tal trabalho se debruçará nas transformações de aspecto técnico da estrutura jornalística. Levando em consideração o quadro de documentos disponibilizados na Biblioteca Benedito Leite, tendo em vista o fato de que a maioria dos exemplares que estão lá presentes se encontram ausentes por variadas razões, vale atentar que isso não afetou a pesquisa.

No caso do *Jornal do Dia*, existem exemplares impressos de 1953 a 1958 e de 1960 a 1973, sendo sua última edição datada em 29 de abril de 1973. Sua periodicidade era de seis vezes na semana, não sendo publicado aos domingos, aspecto divergente do *O Estado do Maranhão*, de veiculação diária. A primeira edição especial de inauguração deste impresso é de 1 de maio, possuindo 20 páginas, doze a mais do que o normal daquele ano.

Importante destacar ainda que o nosso tempo de pesquisa dos jornais se dá pela última semana de circulação do *Jornal do Dia* e primeira semana de *O Estado do Maranhão*. Esse recorte se justifica pela necessidade de delimitarmos a principais diferenças nesse momento de transição pelo qual o jornal passou por mudanças de proprietários, direção e demais alterações técnicas.

O preço de venda permaneceu o mesmo diante da mudança estrutural pela qual os jornais passaram, mantendo o mesmo valor 0,50 centavos de cruzeiro. Outro elemento importante se refere ao parque gráfico, apontando aqui uma ruptura. O local de impressão do *Jornal do Dia* era "a empresa Jaguar Ltda. – com instalações à Rua de Santana, Centro – passou a editar o *Jornal do Dia*, sob o comando de Walbert Pinheiro." (*O Estado do Maranhão*).

Essa perspectiva se altera no momento que os novos proprietários (José Sarney e Bandeira Tribuzzi) adquirem o periódico, com mostra o trecho:

Na época, o jornal também trocou de endereço, passando a funcionar na Av. Ana Jansen, no bairro São Francisco, onde está até hoje. A mudança de nome coincidiu ainda com a primeira grande reforma gráfica e editorial do periódico, propiciada pela introdução das rotativas off-set e do sistema de composição eletrônica. Antes, o processo quase artesanal dominava a confecção do jornal e a impressão era feita com placas de chumbo quente,

nas quais as páginas eram montadas vagarosamente. (O Estado do Maranhão, 2009, p.01)

Esse processo de inovação é perceptível já na primeira edição do impresso. Diferente dos exemplares dos 20 anos de circulação do *Jornal do Dia*, todo ele produzido em preto e branco, *O Estado do Maranhão* apresenta sua capa colorida. O restante das páginas, porém, ainda são preto e branco. A alteração total para páginas coloridas só se dará anos depois.

No que se refere ao tamanho do jornal, *O Estado do Maranhão* também traz importante alteração. Os novos jornais que surgiam naquele período possuíam uma dimensão maior que os anteriores. O novo formato adotado é similar ao Standard, com média de 56 por 32 centímetros. A transformação na forma de impressão trouxe consequências diretas na formatação das notícias. A quantidade de páginas dos dois jornais se manteve semelhante, no entanto, levando em consideração o maior tamanho da folha de impressão, abriu-se espaço para mais informações de todo tipo.

No intento de identificar a orientação política e cultural dos jornais em questão, foi necessário um mapeamento das matérias, notas, editoriais, colunas e informações outras. Antes de tudo, neste sentido, na capa de ambos os jornais se localizavam matérias de grande repercussão, relativas aos aspectos da política internacional, nacional e regional, além de apontamentos econômicos. Na segunda página o *Jornal do Dia* disponibilizava um espaço para o editorial de nome "opinião", além das colunas de José Chagas⁵ e Paulo Nascimento Moraes, e notícias de política e economia. Já no *O Estado do Maranhão* esse espaço é destinado para informações sobre variedades.

Na terceira página do *Jornal do Dia* estão localizadas referências da economia local, enquanto que, posteriormente, no *O Estado do Maranhão*, localiza-se o caderno nacional de esportes e informes da loteria. Deste modo, podemos perceber que em geral a disposição de informações se dá de forma muito parecida, o que difere são as quantidades, sejam elas de notas, matérias e colunas.

Os cadernos de economia, cultura e esporte possuem forma semelhante de abordagem.

Neste último, dentro de *O Estado do Maranhão*, existe a divisão em temáticas locais e nacionais. Os editoriais tinham uma frequência quase que diária. O ponto mais semelhante, sem qualquer dúvida, se dá pelo fato das notícias policiais estarem sempre na página final do jornal.

⁵ Jornalista e poeta nascido em Piancó (PB) e dono de vasta bibliografia que inclui escritos de renome como 'Canhões do Silêncio', 'Os Telhados', 'Azulejos do Tempo', 'Apanhados do Chão' e 'Maré/Memória'.

As colunas com comentários de jornalistas que escreviam sobre temas diversos, em sua maioria ligada à política, vão aparecer em quantidade maior. Colunistas como José Chagas e Paulo Nascimento Moraes vão continuar com seus espaços de opinião, dividindo ambiente com outros jornalistas de grande projeção na época como Jurandy Leite, Noelho Spíndola e Edson Vidigal.

Dentro do aspecto de financiamento dos jornais, os colaboradores e anunciantes se apresentavam de forma discreta em ambos os jornais, e, peculiarmente, durante o período analisado, passando o jornal por mudança de proprietários, direção e parque gráfico, os patrocinadores permaneceram iguais. Na verdade se tratava de um patrocinador principal, que aparecia em todas as edições. O sabão "Rio Anil", de propriedade da empresa Oleama⁶, figurava nas páginas tanto do *Jornal do Dia* quanto do *O Estado do Maranhão*.

Portanto, cabe pontuar agora aspectos relacionados à orientação política de ambos os jornais. Ainda enquanto *Jornal do Dia*, a fonte estudada se porta de maneira bastante ligada ao grupo político de José Sarney, muito antes de ser proprietário da instituição. Durante seu mandato de governo iniciado em 1967, o político tem no jornal um canal explícito de apoio, entusiasmo que só aumentou após a consolidação de *O Estado do Maranhão*.

Na conjuntura política da época, em meados da década de 1970, a ditadura empresarial-militar⁷ estava em vigor e os quadros diretivos (Alberto Aboud, Clodomir Millet, Arthur Carvalho e José Sarney) de ambos os jornais transitavam muito bem entre o jornalismo e a política, sempre alinhados ao regime autoritário. É neste caminho que nosso trabalho de operação historiográfica vai de encontro ao acabou teórico do materialismo histórico, campo epistemológico utilizado como sustentação teórica de tal trabalho.

O manuseio dos jornais nesta pesquisa vem a calhar com a opção teórica do trabalho, tendo em vista que, segundo Antonio Gramsci, os impressos, inseridos no campo dos meios de comunicação, constituem-se enquanto Aparelhos privados de Hegemonia. Neste prisma, o

⁶ Oleaginosas Maranhense SA. Oleama. Empresa maranhense do ramo de limpezas, localizada no distrito industrial da cidade de São Luís do Maranhão.

⁷ A adoção do termo "Empresarial-Militar", no que se refere tanto ao golpe de 1964 quanto ao regime autoritário subsequente, representa a marcação de um posicionamento dentro dos embates teóricos em torno do caráter da conspiração que destituiu João Goulart do executivo federal e dos posteriores anos de estado de exceção. Tendo em vista a utilização do termo "Civil-Militar" por uma corrente revisionista que confirma e reproduz uma série de mistificações sobre o período, endossamos a aplicação do termo "Empresarial-Militar", originalmente proposto pelo historiador René Armand Dreifuss em sua obra 1964: a conquista do estado. Ação política, poder e golpe de classe, na qual é ressaltado o caráter classista do Golpe e da Ditadura.

posicionamento institucional destes jornais possuem papel fundamental na luta de classes e nas disputas entre projetos de classes e coalizões de classes distintas pelo controle do aparato estatal.

O Estado ampliado, segundo Antonio Gramsci, consiste na união entre sociedade civil e sociedade política, isto é, na hegemonia revestida de coerção. Assim, a sociedade civil, a partir de seus aparelhos privados de hegemonia (sistema escolar, meios de comunicação, partidos políticos, sindicatos, sistema jurídico, Igreja, movimentos sociais, entre outros) se constitui como espaço de hegemonia, ou seja, o espaço da luta de classes.

Logo, existe a necessidade de pensar as esferas econômicas em conjunto com as culturais e políticas, ou seja, a realidade social apresenta uma perspectiva totalizadora. Assim, o Estado apresenta uma figura educadora, "formadora de consenso em relação a determinadas práticas culturais e morais"

Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante, até o momento em que - através de sua ação política, ideológica, cultural - consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas, consegue impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve à recusa de tal ideologia, fato que irá coincidir com a crise política das forças no poder (GRUPPI, 2000, p. 70).

A partir disso, é importante refletir sobre o protagonismo dos meios de comunicação na função de construção de consenso em uma sociedade. Aquilo que então é publicado nos jornais, na ótica gramsciniana, visa reverberar os interesses das classes dominantes em detrimento das classes trabalhadoras. Isto é, os jornais assumem a função de partidos políticos, de organizadores da vontade coletiva em torno de um projeto político-ideológico elaborado por uma classes ou por uma coalizão de classes.

O *Jornal do Dia* foi um dos principais canais de apoio ao golpe de 1964, seguindo uma tendência da grande imprensa nacional que via em João Goulart uma ameaça de colocar o país em sintonia com o comunismo. Enquanto que *O Estado do Maranhão* foi um "porta voz" do regime. Logo, a questão aponta para o fato de que a imprensa foi um dos pilares de consolidação do capitalismo no ocidente. A grande imprensa do século XX, dentre eles o *Jornal do Dia* e *O Estado do Maranhão* a nível regional, é antes de tudo um campo empresarial. Essa leitura nos ajuda a entender o fato dos jornais citados atuarem, em determinados momentos, de maneira tão partidária.

A década de 1970 experimentou o chamado "milagre econômico", período de grande crescimento econômico do Brasil, pautado numa modernização conservadora, autoritária e concentradora de renda. Neste âmbito, surgem os oligopólios da informação, os grandes conglomerados da comunicação que se beneficiaram no processo de urbanização brasileiro, da profissionalização do ofício de jornalista com as faculdades de jornalismo, da ampliação de rendas publicitárias e de financiamentos públicos para gestão dos periódicos.

José Sarney, proprietário do O Estado do Maranhão e senador pela ARENA, partido político de sustentação do regime de exceção, é um claro exemplo da próxima relação entre militares e empreendimentos jornalísticos. Essa harmonia trouxe imensos frutos aos grandes jornais do país, como afirma Alzira Alves de Abreu:

A modernização dos meios de comunicação foi, para os militares, parte de uma estratégia política que estava ligada à ideologia da segurança nacional. A implantação de um sistema de informação capaz de "integrar" o país fazia parte de um projeto em que o Estado era entendido como o centro irradiador de todas as atividades fundamentais em termos políticos. Para a concretização desse projeto, os militares estimularam a formação de grandes redes, o que exigiu vultuosos investimentos. Nesse período se formaram os oligopólios de informação, com recursos obtidos junto ao governo. (ABREU,

Corroborando com a tese da pesquisadora do CPDOC⁸, temos a reflexão do historiador Rodrigo Patto Sá Motta:

De certo modo, os anos 1960 e 1970 foram o auge da grande imprensa tradicional, se forem consideradas a vendagem e a circulação dos diários. Eram vendidos aproximadamente 5 milhões de jornais e os diários mais influentes haviam passado por reformas recentes, tornando-se empresas mais sólidas. Também a diversificação no perfil da imprensa, com a entrada em cena de diários que disputavam o público de mais baixa renda. O acirramento da competição e as pressões exercidas pelo regime militar levariam à redução do número de jornais no início dos anos 1970, gerando

⁸ O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) é a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Criado em 1973, tem o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país, desenvolver pesquisas em sua área de atuação e promover cursos de graduação e pós-graduação. (Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/sobre>).

fenômeno de concentração nas empresas maiores, ao mesmo tempo que as tiragens aumentavam. (MOTTA, 2013, p.63)

Podemos inferir que tanto o *Jornal do Dia* quanto *O Estado do Maranhão* são resultado desse movimento dentro da imprensa nacional. Por mais que informassem sobre temas variados como economia, cultura, esporte e violência, a maior parte de ambos os jornais, mesmo após a transição, é destinada a noticiar e opinar acerca da dinâmica política local, nacional e, por vezes, internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitos espaços a serem tocados pela investigação histórica no âmbito dos estudos sobre a imprensa. Pesquisar o discurso jornalístico é apenas um dos caminhos, mapear o posicionamento institucional diante de determinada questão é outro. Refletir sobre os aspectos técnicos, diretivos e estéticos foi inovador no sentido de buscarmos um percurso diferente em relação ao processo de investigação da imprensa.

A atualidade dos estudos sobre essa temática afirma que hoje os jornais são uma fonte de pesquisa consolidada e a quantidade de trabalhos utilizando este tipo de arcabouço documental reforçam essa tese. Os periódicos estão sendo utilizados como elemento de reflexão histórica, em diversas temporalidades, balizadas por diferentes elaborações teóricas, não estando mais suscetíveis a exames que apenas confirmem ou sustentem aquilo presente em outras documentações.

Pensando a realidade brasileira, especificamente o panorama maranhense, ainda há muito a se desbravar no aspecto da imprensa local. Existem ultimamente importantes projetos de estudo utilizando os jornais para racionar determinada temática, no entanto, o que ainda falta na historiografia nacional e, principalmente, na escrita da História do Maranhão, são investigações acerca dos próprios jornais, ou seja, uma história da própria imprensa.

É nesse caminho que nosso trabalho acena, pois o que foi feito ainda é muito embrionário, mas, sem sombra de dúvidas, será um importante ponto de partida para projetos de pesquisa em história que objetivem estudar a fundo os jornais locais, não mais como uma fonte secundária, e sim como o protagonista da análise histórica.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. **As mudanças na imprensa brasileira: 1950-1970**. In LUSTOSA, Isabel (org). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.
- DE LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. in PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**, vol. 3. Maquiavel e a Política do Estado Moderno (caderno nº 13). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MOREL, Marco. BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.126-129 (Anexo).
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. *Topoi*, v.14, n.26, jan-jul. 2013, p.62 a 85

